



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O QUE NARRAM AS MORADORAS DE UM LAR DE IDOSOS SOBRE  
A SUA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL EM SUA TRAJETÓRIA DE  
VIDA?**

Daiane Machado de Souza

Lajeado, junho de 2018

Daiane Machado de Souza

**O QUE NARRAM AS MORADORAS DE UM LAR DE IDOSOS SOBRE  
A SUA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL EM SUA TRAJETÓRIA DE  
VIDA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina Trabalho de Curso II - 2018/A, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Danise Vivian

Lajeado, junho de 2018

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muito carinho, primeiramente aos meus pais, Celso Machado de Souza e Cristiane Sgari, que sempre me apoiaram nos estudos e na escolha do curso. Permanentemente mostraram-me o caminho da ética, estando ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço imensamente aos meus avós maternos, Délio e Liane Sgari, com os quais vivi desde a minha infância à adolescência, por todos os ensinamentos e apoio que deram para que concluísse a graduação. Aos avós paternos, Amaro e Célia Machado de Souza, pelo apoio dado ao longo do curso.

Quero agradecer à família de Genésio e Anelise Gerhard, à cunhada Tuanny Cândida e cunhado Mateus, que ao longo do curso me apoiaram e compreenderam os momentos de maior dificuldade.

Ao meu namorado, Charles Cassiano Gerhard, que sempre esteve ao meu lado, incentivando e cobrando sobre os estudos. E o meu muito obrigado pela paciência, sugestões e críticas.

Agradecer a todos os familiares e amigos que de uma ou outra forma contribuíram para que conseguisse alcançar meu objetivo pessoal e concluir a graduação em Pedagogia.

Agradeço às colegas e amigas que pude fazer nesses anos de faculdade, em especial a Maiana Caliari, uma amizade que se iniciou no primeiro semestre e que continuará para o resto de nossas vidas. Obrigada pelos abraços nos momentos

difíceis, e você sabe que não foram poucos, pelo conselho, risada, obrigada pelos grandes momentos que pude compartilhar com você.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço de coração a todos os professores do curso de Pedagogia e demais cursos dos quais fui aluna no curso de Pedagogia da Univates, pela dedicação, orientação, paciência e profissionalismo que tiveram ao longo da minha permanência na universidade. Quero agradecer em especial à orientadora do trabalho de conclusão de curso, professora Dra. Danise Vivian, por todas as orientações, conselhos e ajudas que me concedeu ao longo deste caminho. Obrigada por todo o carinho. Da mesma forma o meu muito obrigada à professora Dra. Daiani Clesnei da Rosa, que aceitou o convite de ser a avaliadora desta monografia e pelas valiosas considerações que enriqueceram a pesquisa.

Quero agradecer imensamente o lar de idosos e sua direção, que abriu suas portas para que a pesquisa tomasse forma. E sem dúvida um abraço especial às senhoras moradoras do lar, pois sem elas esta monografia não existiria.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida. A pesquisa se desenvolveu em três eixos conceituais: Educação, Experiência e Narrativas. Os autores referenciados para o desenvolvimento do trabalho foram selecionados frente à importância que representam para a pesquisa, dentre os quais destacam-se: Brandão (2007) e Gohn (2010) – no eixo da educação; Larrosa (2015) – no eixo da experiência e Amado (1997) e Bauer e Gaskell (2005) – no eixo das narrativas. A metodologia desenvolvida no decorrer da pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida em um lar de idoso. Como meio de geração de dados foram feitas entrevistas orais com as moradoras do lar de idosos, grupo focal, observação e registros no diário de campo. O resgate de fragmentos de experiências que estas pessoas tiveram ao longo da vida, aliadas ao processo educacional do qual fizeram parte, configura um importante resgate de sua trajetória educacional. Cada ser humano tem direitos fundamentais na sociedade como liberdade, dignidade, respeito, igualdade, entre outros. Esta pesquisa enfatiza, portanto, o direito à educação das pessoas idosas e ressalta a importância da formação em espaços não escolares. Como resultado pôde-se verificar que as moradoras destacam que a educação é fundamental para o desenvolvimento intelectual e socioeconômico do indivíduo. Para elas é preciso estudar para ter conhecimento, qualidade de vida e almejar um futuro promissor. Estas senhoras, em sua maioria, não se enxergam como sujeitos aprendentes ainda hoje. Elas acreditam que a educação é um processo apreendido no período escolar, nas relações familiares ou na igreja.

**Palavras-chave:** Trajetória educacional. Idosas. Direito à educação. Educação formal, não formal e informal.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 ABORDAGENS CONCEITUAIS DO ESTUDO.....</b>	<b>10</b>
2.1 Educação na perspectiva histórica: a compreensão da educação formal, informal e não formal.....	10
2.2 Experiências, a construção da aprendizagem.....	17
2.3 Narrativas: o que contam as moradoras de um lar de idosos .....	19
<b>3 CAMINHO DA PESQUISA.....</b>	<b>21</b>
3.1 Abordagem da pesquisa.....	21
3.2 Tipo de pesquisa .....	22
3.3 Geração de dados .....	24
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>27</b>
4.1 Educação como processo permanente?.....	27
4.2 Quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras? .....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Informado para Responsável da Instituição .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE C – Questionário para as moradoras de um lar de idosos.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Frente à importância que a educação representa na formação sociocultural dos indivíduos, no que contemplam aos aspectos sociais, culturais e econômicos de toda uma sociedade, o tema educação sempre é debatido por todas as esferas da sociedade civil, movimentos sociais, intelectuais, autoridades representativas, entre outras.

Ao longo da formação da sociedade brasileira, muito se discutiu sobre a educação, acentuadamente atrelada principalmente à educação formal de crianças e adolescentes em espaços formais como escolas. Durante um longo período se priorizou e se valorizou a educação formal, mas ao longo do tempo a sociedade percebeu que a educação formal não estava contemplando como um todo a formação dos indivíduos, sendo que a partir deste momento se repensou o que é educação. A partir disto iniciou-se um processo de valorização do espaço não escolar, no caso a educação informal e não formal, tendo estas duas últimas um importante papel na formação sociocultural dos indivíduos.

Neste trabalho, busca-se analisar aspectos relevantes sobre educação formal, não formal e informal, através de fontes bibliográficas, valorizando a importância que cada uma representa na formação do indivíduo. A partir disso, trabalhar a educação em espaços não formais com as moradoras de um lar de idosos, valorizando vivências e experiências de vida que cada um acumulou ao longo de sua trajetória e, assim, compreender como elas narram a sua experiência educacional na sua trajetória de vida.

O resgate de fragmentos de experiências que estas pessoas tiveram ao longo da vida, aliadas ao processo educacional o qual estavam inseridas, configura um importante resgate da trajetória educacional destes indivíduos.

Thompson (1992) afirma que a história oral contribui de forma significativa no resgate de vivências passadas, sendo um método eficaz na realização de pesquisas nas mais diferentes áreas, preservando a memória física, espacial e sociocultural na qual o indivíduo está inserido. A evidência oral, “[...] transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992 p. 137); em outras palavras, a memória recria experiências passadas.

Para a contextualização da educação na perspectiva histórica, em especial a compreensão da educação formal, informal e não formal, foram pesquisados autores sobre o assunto: Maria da Glória Gohn (2010), Paulo Freire (1974, 1997, 2001), José Carlos Libâneo (2010), Cléia Souza (2008), Trilla (2006, 2008); Gomes, Silva e Silva (2012), Brandão (1981), Ribeiro (1993), Stigar e Schuck (2008), Tiba (1998), Trilla e Ghanem (2008) e Arroyo (2003).

A problemática deste estudo é entender o que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida.

E para conseguir investigar o assunto, os objetivos específicos foram:

- a) Conceituar os termos experiência, educação e narrativas.
- b) Verificar se as idosas se percebem como sujeitos aprendizes por toda vida.
- c) Identificar quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu em uma disciplina do curso de Pedagogia que abordava os diferentes ambientes de atuação do pedagogo. Ao realizar uma visita à Associação Arroio-meense de Amparo ao Idoso – AMAI, também conhecida como Lar Bom Pastor, na disciplina Prática Investigativa II, a autora deste trabalho sentiu-se estimulada a aprofundar o assunto. Em tempos recentes se discute práticas educativas voltadas para uma educação inclusiva,

demanda que se constitui principalmente por parte da sociedade que tradicionalmente é excluída da educação formal, como mulheres e idosos. Estende-se aqui a perspectiva da educação da população idosa, pois esta pode ocorrer em espaços formais, informais e não formais. O objetivo deste estudo é compreender o que as moradoras de um lar de idosos narram da sua trajetória de vida.

Além disso, cabe destacar a importância de pensar a ampliação da atuação pedagógica em espaços não escolares de forma a contribuir na formação de cidadãos conscientes, capazes de refletirem sobre sua realidade e interagirem de forma positiva com o meio no qual se encontram.

Todo ser humano é uma representação de suas experiências de vida, sendo um indivíduo em constante construção “[...] enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento [...]” (FREIRE, 1997, p. 55), o inacabamento do ser humano nos leva a própria experiência de vida, na qual temos ciência de nosso inacabamento, desta forma somos eternos aprendizes e ressignificamos aprendizagens.

Partindo da educação não formal com as moradoras de um lar de idosos, buscou-se alicerçar a pesquisa embasando-a com abordagens conceituais de estudo, abordando três aspectos fundamentais para o estudo, como aparece no próximo capítulo.

## 2 ABORDAGENS CONCEITUAIS DO ESTUDO

Este capítulo destina-se a construir os eixos conceituais do estudo: 1) Educação; 2) Experiências e 3) Narrativas. Através dos argumentos de diferentes autores busca-se explicar como estão compreendidos estes conceitos, de forma a dar conta do objetivo específico “A” do estudo (ver página 8).

### **2.1 Educação na perspectiva histórica: a compreensão da educação formal, informal e não formal**

A educação “[...] abrange todos os processos de formação do indivíduo” (BRANDÃO, 2007, p. 17). A ideia do autor representa o pensamento comum da sociedade em geral, a qual associa a educação com espaços formais em instituições de ensino, nada mais do que justo, prevalecendo o senso comum, mas que não contempla todas as dimensões na qual esta se faz presente. Sobre os processos educativos citados o autor esclarece que: “[...] podem ocorrer nos mais variados ambientes sociais, caracterizando como educação, não apenas os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem dentro do ambiente escolar, mas, também, aqueles que ocorrem fora dele” (BRANDÃO, 1981, p. 17).

Segundo Libâneo (2010, p. 26), “[...] a educação, assim, se caracteriza como um processo contínuo que se desenvolve a todo o momento onde haja pessoas construindo conhecimentos em interação e inter-relação”. Brandão (1981, p. 7)

segue afirmando que: “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar”. Desta forma, foi possível perceber que a educação ocorre nos mais variados espaços e tempo todo, como visto a seguir.

A vida em sociedade exige muito além dos conhecimentos adquiridos em bancos escolares. Para Libâneo (2010, p. 16-17) “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda a sociedade”. Há muito a aprender desde cedo, o idioma, normas de comportamento e convívio, entre outros inúmeros saberes. Neste sentido a educação informal tem fundamental importância no processo de formação do indivíduo. Tiba (1998, p. 46) complementa o raciocínio ao afirmar que:

Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando esses dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas.

A educação informal é caracterizada por não ser intencional ou organizada, mas sim exercida a partir das vivências espontâneas. Está adquirida no seio familiar e no meio social, está no espaço doméstico, em praças, museus e em todos os lugares onde as pessoas possam compartilhar saberes. No dia a dia, sem planos de aula, sem lugar e horário definidos. É uma interação de indivíduos compartilhando aspectos socioculturais nos quais estão inseridos, uma educação ocorrendo de forma espontânea sem que muitas vezes seus participantes tenham real consciência que estão adquirindo conhecimento.

Aqui poderia se dizer que, na sequência temporal, as escolas assumem o lugar de oferecer o conhecimento. Isso é a educação formal. Então o saber que circulava por um processo de educação informal torna-se “menos valioso” na sociedade.

Trilla e Ghanem (2008, p. 16-17) afirma que “é evidente, a educação não escolar sempre existiu. Contudo, é certo que, sobretudo a partir do século XIX – quando a escolarização começou a se generalizar, o discurso pedagógico se concentrou cada vez mais na escola”. Dentro deste contexto que se criou o modelo

de valorização da educação em espaços formais, instituições de ensino. Trilla e Ghanem (2008, p. 17) lembra que “a instituição foi alçada a paradigma da ação educativa a tal ponto que o objeto da reflexão pedagógica se foi limitando mais e mais a ela, até produzir uma espécie de identificação entre ‘educação’ e “escolarização”. Ao longo da história, percebe-se que a educação formal era privilégio de uma pequena elite, sendo a alfabetização e o letramento quase uma exclusividade de uma pequena minoria.

A educação não formal foi se concretizando a partir de ações educativas alternativas, que no começo não se enquadravam no que se acreditava ser educação escolarizada, presa nos limites físicos da escola. Todavia, as transformações socioeconômicas favoreceram a ascensão de um novo contexto educacional ou, pelo menos, a consciência de sua existência, a educação não formal. Ao mesmo tempo deve-se ter em mente que apesar de toda a contribuição que a educação não formal propicia ao educando, esta não deve ser substituta da escola formal, como lembra Souza (2008, p. 3121):

Contudo a educação não formal, apesar de ser uma alternativa enriquecedora na formação do sujeito não deve tomar para si a responsabilidade da educação nem mesmo se considerar a ‘salvação’ da escola no processo de ensino, pois assim estaria desvalorizando um espaço tão importante e necessário como a escola.

Ao discutir educação formal e não formal, não se pode desqualificar nenhuma, mas procurar correlacioná-las, para que unidas possam contribuir de forma positiva no processo de formação educacional do ser humano. Em outras palavras, não se trata de posicionar as duas em rota de colisão, mas de conhecer as potencialidades que cada uma possui.

Há séculos vive-se preso à valorização da educação formal redigida em espaços específicos (escolas, universidades, etc.) e deixa-se de valorizar os espaços de educação não formais, que podem incluir hospitais e lares de idosos, por exemplo. Conforme Gohn (2010, p. 15), geralmente quando nos referimos à educação não formal, estamos a “contrapor a educação não formal à educação formal/escolar”. A autora define que a educação não formal “[...] lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada por não ter um currículo definido, quer quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas [...]” (GOHN, 2010, p. 15).

Ao longo do tempo se criou um estigma que supervaloriza a educação formal, aplicada em instituições, desqualificando toda a educação não formal e informal. Sabe-se o indivíduo absorve conhecimento através de outras maneiras, espaços alternativos ou do próprio cotidiano, mas vale ressaltar que esta valorização de espaços formais na educação está intimamente ligada à trajetória da educação no Brasil.

Ao analisar as influências dos movimentos sociais das décadas de 1970-80, pode-se perceber que estes buscam na sua essência o direito à educação formal básica, pública e gratuita. Arroyo (2003, p. 29) lembra que “pesquisas têm mostrado como a ampliação e democratização da educação básica e a inserção dos setores populares na escola pública teve como um dos mais decisivos determinantes a pressão dos movimentos sociais”.

A partir deste período a população deixa de ver a escola como uma oferta do estado, comum no velho sistema oligárquico, mas a vê e a exige como um direito, “essa reeducação da cultura política que vai pondo a educação e a escola popular na fronteira do conjunto dos direitos humanos se contrapõe ao discurso oficial” (ARROYO, 2003, p. 30). Arroyo (2003) lembra que a educação básica popular não foi uma exigência do mercado por maior escolarização, nem benefícios humanitários concedidos pela elite dominante, mas sim uma conquista da mobilização das massas populares. A escola representa para as camadas mais pobres, não ascensão ao mercado de trabalho ou garantia de emprego, mas acesso à dignidade. Neste sentido pode-se definir de forma objetiva que a educação informal está associada ao conhecimento e experiências adquiridas pelo indivíduo no contexto familiar e no cotidiano em que está inserido, interagindo com outros indivíduos.

A educação formal, de outra forma, ocorre dentro de um sistema de ensino com espaço, horário, planos de aula, entre outros pontos. O indivíduo segue um programa predeterminados sendo igual para os demais frequentadores do mesmo espaço; em outras palavras, a escola tradicional.

Além da educação informal e formal citadas anteriormente, há também a educação não formal, que se desenvolve fora dos tradicionais espaços escolares e do cotidiano. Pode-se citar, dentre estes espaços: hospitais, casas de idosos, entre

outros. Neles, não há um currículo pré-definido ou conteúdo a ser abordado, mas existe um objetivo e buscas em suas ações.

A educação não formal vem ganhando espaço desde o final do século XX, coincidindo com a globalização, mudança de valores, práticas, incorporação de novas tecnologias tanto no campo doméstico quanto no escolar e profissional. Alterações no estilo de vida das famílias vêm gerando novas necessidades ao sistema escolar, o qual ainda não está preparado frente a estas mudanças. Outros espaços como museus, teatros, shows, palestras, entre outros geralmente desenvolvem aprendizagem não escolares. Assim, a educação não formal e a formal se contemplam e de forma alguma podem ser desvinculadas. Gohn (2010, p. 17) afirma que:

Como educação não é sinônimo de escola, dado que esta é parte daquela, tudo o que se expande para além da formalização escolar é território educativo a ser operado. Ademais se essa operação compartilhante na Educação não formal pretende a consolidação de uma sociedade com vivência justa e equânime, a cidadania em paz é o horizonte.

Libâneo (2010, p. 31) também destaca que a educação formal e não formal se mesclam e alega:

A educação formal e não formal interpretam-se constantemente, uma vez que as modalidades de educação não formal não podem prescindir da educação formal, e as de educação formal não podem separar-se da não formal, uma vez que os educandos não são apenas alunos, mas participantes de várias esferas da vida social. Trata-se, pois, sempre, de uma interpenetração entre o escolar e o extraescolar.

Historicamente o conceito de educação não formal surgiu na década de sessenta, baseado nos princípios da Educação Popular proposta por Paulo Freire por meio de projetos com currículos alternativos, voltados às classes populares e ao desenvolvimento de uma autonomia econômica e social das famílias (TRILLA, 2006; GOMES; SILVA; SILVA, 2012). A Educação Popular proposta por Freire (2016) visa a uma cidadania plena de forma a conscientizar e integrar as pessoas na construção da sociedade. Freire (2016) buscava contribuir com a formação de um cidadão capaz de perceber o que lhe ocorre, refletir sobre isso e agir de forma construtiva sobre o seu meio, ou seja, uma pessoa consciente e interativa com a realidade que a cerca. Esta concepção buscou e busca romper com os currículos tradicionais que

não consideram a cultura e o modo de vida das classes populares, os conhecimentos e saberes do mundo.

Segundo Trilla (2006) e Souza (2008), a educação não formal passou a ser pensada no momento em que os diferentes setores da sociedade, como as indústrias e empresas, necessitadas de mão de obra especializada frente aos desenvolvimentos tecnológicos, à saúde, à assistência social, à agricultura com a questão da reforma agrária, às modificações culturais e aos hábitos das pessoas, à igreja com os movimentos sociais, e à própria pedagogia perceberam que a família e a escola não conseguiam mais atender às demandas sociais, econômicas e políticas que emergiam a partir daquele momento histórico. Com isso foram se desenvolvendo e consolidando práticas educativas por meio de ações pedagógicas alternativas que não seguiam os princípios e normas formais da escola que, no entanto, eram tão ou até mais educativas dependendo do meio em que se realizavam. Esta ideia de mudança está expressa nas palavras de Paulo Freire (2016, p. 50):

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Souza (2008) explica que as ações em educação não formal ao longo dos anos somadas às transformações das relações sociais na família, no trabalho e no lazer possibilitaram uma contínua reformulação das formas e meios de educação nas escolas, possibilitando ganhos pedagógicos e principalmente na sociedade como um todo. E ao agente dessas ações fora do mundo escolar é denominado de educador social, ou seja, o profissional envolvido com projetos e ações em organizações e instituições. Esse educador não é apenas um profissional da pedagogia, mas também estagiários, um número considerável de voluntários, profissionais liberais dos mais diversos ramos, entre muitos outros.

Por ter características peculiares, a educação não formal se apresenta como uma alternativa positiva em relação à educação da população idosa do país, que muitas vezes se encontra em abrigos ou casas de idosos. Apesar do rápido envelhecimento da população, as políticas voltadas à população idosa - a população

acima dos 60 anos está em franca expansão – não acompanham o ritmo do crescimento desta população.

O mundo está vivendo uma expansão demográfica de sua população, principalmente a idosa, e no Brasil não é diferente. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), ano base de 2010, a população idosa do país era composta por 19,6 milhões de pessoas, representando 10% do total de habitantes do país, e sua projeção para os próximos 40 anos é de que esta população passaria para 66,5 milhões de habitantes, representando aproximadamente 30% da população. De acordo com dados do IBGE (2010), o Brasil viveu uma explosão demográfica, principalmente a partir metade do século passado, em razão do rápido crescimento populacional. O país ocupa a quinta posição no ranking de países mais populosos na atualidade, conforme Búfalo (2013, p. 197):

[...] vivemos um momento ímpar na história do Brasil [...] o país até então considerado um país de jovens [...] alcançou a problemática do mundo global. O aumento da expectativa de vida, produzido pelos avanços da Medicina e dos processos de educação e informação à população, geraram uma população — envelhescente.

O crescimento vegetativo da população é apontado como sendo um dos fatores da expansão demográfica do país. Aliada a avanços significativos na área da saúde, a população brasileira apresenta progressos na expectativa de vida. Conforme dados do IBGE (2010), a projeção para o ano de 2030 é que a população com mais de 60 anos irá ultrapassar o número da população de crianças de 0 a 12 anos. Diante deste contexto a proposta do tema abordado tem por finalidade trabalhar com as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional na sua trajetória de vida, aproximando assim o trabalho do pedagogo desta população.

Em 2003, houve um marco importante para a população idosa do país com a aprovação do estatuto do Idoso, através da Lei 10741/2003, que em seu terceiro artigo garante prioridade em políticas públicas voltadas a pessoas acima de 60 anos.

O próprio termo denominando o idoso como “velho” ou “velhice” é duramente criticado por Borges (2008, apud BÚFALO, 2013), o qual classifica “velho” como algo “antiquado, desgastado e obsoleto”, sendo que o mesmo autor afirma que nos

últimos anos vem se popularizando o termo “idoso”, referenciando alguém que tem idade avançada ou “terceira idade”, fazendo alusão a alguém que tem experiência de vida, maturidade.

A presença e a valorização do idoso em espaços sociais coletivos é um fenômeno social recente, e parte da sociedade ainda descuida de seus idosos. Beauvoir (1976, apud BÚFALO, 2013, p. 10) afirma que “sentido de nossa vida está em pauta no futuro que nos aguarda. Não poderemos saber quem somos se ignorarmos quem seremos: devemos-nos reconhecer na pessoa deste velho ou daquela velha”.

## 2.2 Experiências, a construção da aprendizagem

É possível perceber que as experiências nomeiam o que as pessoas são, o que pensam, o que veem e o que sentem na sua trajetória de vida. A experiência está presente nas suas vidas, relatam muitas vezes o passado e projetam o futuro, mas as expressam de várias maneiras tanto no diálogo quanto nas expressões dos sentimentos de convívio. Por isso, neste capítulo buscou-se explicar, através da interpretação de Larrosa, um pouco mais sobre o conceito de experiência, ideias de aprendizagem significativa. Segundo Larrosa (2015, p. 18, grifo do autor):

Em português se diria que a *experiencia* é ‘o que nos acontece’ [...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia nos passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Segundo Larrosa (2015, p. 25), a experiência está ligada em torno das pessoas, “[...] o sujeito da experiência é sobre tudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos [...]”, o sujeito compreende o que está a sua volta, e o passado muitas vezes não é compreendido, o tempo não espera.

Larrosa (2015) ressalta que a palavra experiência vem do latim *experiri*, que em português tem o significado de provar, experimentar. A experiência é um encontro com algo que se experimenta, que se prova, que te “toca”; fatos marcantes

da vida que estão a sua volta, ao seu redor, em seu entorno. Em Heidegger (1987, apud LARROSA, 2015), encontra-se uma definição de experiência em que soa muito bem essa exposição, receptividade e abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que o indivíduo possa se envolver.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em 'fazer' uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, 'fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, apud LARROSA, 2015, p. 143).

A experiência acompanha o sujeito de várias maneiras, muitas vezes a experiência é passagem, a experiência é uma paixão que se envolve dentro do sujeito captando uma conexão da atuação e de reflexão da trajetória de vida. Segundo Larrosa (2015, p. 28):

Se a experiência é o que nos acontece, se o sujeito da experiência é um território da passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Larrosa (2015, p. 32) também aborda a experiência como o saber, “um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal”. Experiência é algo que acontece e mesmo que duas pessoas passem pelo mesmo acontecimento, a experiência sempre será diferente, pois ela é única, singular e sem repetição. E, de certa maneira, ninguém aprende nem se beneficia com a experiência do outro.

Experiência, algo tão importante na vida, que alcança e transforma. É a partir da experiência de vida das moradoras de um lar de idosos que propôs-se desenvolver a pesquisa. A base de todo este estudo parte da experiência de vida de cada uma, valorizando cada trajetória, aliado ao que estas mulheres têm para compartilhar.

Partindo do que foi apresentado sobre experiências aliado ao estudo do próximo capítulo, intitulado narrativas, procura-se compreender e analisar as

experiências adquiridas ao longo da vida das moradoras do lar de idosos, sendo estas experiências de vida popularmente definidas como “a escola da vida”.

Ao longo da pesquisa buscou-se compreender de que forma as moradoras de um lar de idosos tiveram sua experiência educacional em espaços formais de ensino, partindo do pressuposto de que as senhoras frequentaram os espaços formais de educação por um período limitado. Desta maneira grande parte do conhecimento adquirido se deu de maneira não formal e informal, e é através das experiências de vida narradas por estas pessoas que busca-se alcançar o objetivo deste trabalho.

### **2.3 Narrativas: o que contam as moradoras de um lar de idosos**

Para a compreensão das narrativas, conceito narrativo, às vezes, tão próximo que apenas uma tênue linha o mantém separado do método, é conveniente ao estudo que seja feita, inicialmente, uma distinção genérica entre teoria e método. A entrevista narrativa é um método de geração de dados, discutindo em detalhes o procedimento a indicação para o seu uso e os possíveis problemas ligados a esta técnica (BAUER; GASKELL, 2005, p. 90).

A narrativa é como uma forma discursiva, como história e como história de vida. A narrativa, neste estudo, em especial, vai ser tomada como um método de investigação, um meio para ter acesso às trajetórias de vida das entrevistadas. Ao narrar o acontecimento, o narrador traz fatos relevantes para tornar a interlocução plausível.

A entrevista narrativa tem como objetivo estimular e encorajar o entrevistado e é considerada uma entrevista semiestruturada, de profundidade, com característica específica. Ela é motivada por um questionário de perguntas e respostas no qual a maioria dos entrevistados revela sua trajetória de vida trazendo um pouco de sua história, o informante usa uma linguagem espontânea na narração dos acontecimentos e se expressa de forma convergente (BAUER; GASKELL, 2005, p. 95-96).

Ao longo da realização de uma entrevista, pode-se perceber a atualização de vivências do passado através de uma reorganização das memórias em espaços e ações que fazem parte do cotidiano das entrevistadas, o que permite inferir que os sujeitos lembrem os aspectos que julgam significativos em suas trajetórias, seja de

modo positivo ou até mesmo negativo, o que lhes permite atribuir sentidos ao vivido. Assim, é possível pensar que as histórias de vida vão constituindo-se como experiências, pois há uma relação direta entre o vivido, no pretérito, e o narrado, no presente. A vida se faz de histórias, história, sinônimo de experiência.

Janaína Amado (1997) afirma que as narrativas, mediadas pela memória, permitem que os informantes reelaborem suas vivências individuais e coletivas. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias involuntárias das lembranças e associações de lembranças, possibilitando também que se compreendam os diversos significados que alguns indivíduos e grupos sociais conferem às experiências vividas.

Ao analisar as narrativas pode-se descobrir a história vivida pelas entrevistadas, local onde suas memórias narradas se apoiam. Desse modo, considerar as narrativas como objeto privilegiado de análise significa estar atento às sensibilidades, às percepções, às leituras de mundo, aos sentidos daquelas que narram.

O resgate de fragmentos de vida através de narrativas das moradoras tem um importante papel na compreensão e interpretação de suas experiências. Desta forma, partindo das experiências de vida narradas pelas interlocutoras pode-se encaminhar a proposta deste estudo.

No próximo capítulo serão abordados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa.

### **3 CAMINHO DA PESQUISA**

A presente pesquisa tem por objetivo conhecer e compreender a trajetória de vida e as experiências educacionais das moradoras de um lar de idosos e, a partir desta interpretação, analisar a importância destas vivências. A pesquisa foi dividida em três etapas metodológicas: a apresentação da abordagem da pesquisa; a definição do tipo de pesquisa e, por fim, a promoção do processo de geração de dados, em outras palavras, como gerar dados para refletir neste estudo.

#### **3.1 Abordagem da pesquisa**

A abordagem de pesquisa proposta é qualitativa, pois em consideração, conforme Mezzaroba e Monteiro (2008, p. 110), a propriedade de ideias “a compreensão das informações é feita de forma mais global e inter-relacionada com fatores variados, privilegiando contextos”. Além do citado anteriormente, a pesquisa qualitativa apresenta interpretações sobre o tema pesquisado, divergindo da pesquisa quantitativa, que tem como característica que o objeto de pesquisa pode ser medido.

Optou-se pela pesquisa narrativa qualitativa que foi desenvolvida com as moradoras de um lar de idosos. Esta é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas mais diferentes áreas do conhecimento, das quais destaca-se as ciências sociais. A pesquisa qualitativa refere-se à entrevista do tipo semiestruturada

com um único respondente, desta forma a entrevista qualitativa pode ser distinguida de entrevista de levantamento fortemente estruturada (BAUER, GASKELL, 2005, p. 64).

A preparação na realização de um estudo desta envergadura envolve habilidades prévias do pesquisador. Conforme lembra Yin (2001), um estudo de qualidade envolve um longo planejamento, sessões intensivas de treinamento, desenvolvimento, a fim de conduzir o estudo proposto. O autor lembra que é comum que as pessoas acreditem equivocadamente que possam conduzir estudos narrativos, acreditando ingenuamente que são capacitadas para tal.

Algumas observações são de fundamental relevância antes de realizar a pesquisa da vivência das mulheres moradoras de um lar de idosos. Conforme lembra Yin, (2001, p. 80) “[...] as exigências que um estudo [...] faz em relação ao intelecto, ao ego e às emoções de uma pessoa são muito maiores do que aqueles de qualquer outra estratégia de pesquisa”.

Yin (2001) argumenta que o pesquisador deve apresentar algumas habilidades básicas em relação à prática de pesquisa de campo, destacando que o ele deve observar alguns pontos para não comprometer todo seu trabalho de estudo. Dentre os destaques apresentados por Yin, (2001) observa-se o cuidado que o pesquisador deve ter na elaboração das perguntas; a necessidade de ser um bom ouvinte; adaptável e flexível ao ambiente; clareza e objetividade nas questões de estudo e imparcialidade em relações de noções preconcebidas.

### **3.2 Tipo de pesquisa**

A proposta desta pesquisa foi compreender como as moradoras de um lar de idosos narram suas experiências de vida e as mesclam com o ambiente em que vivem. Para isso, como anteriormente explicado, foi utilizada a técnica da pesquisa narrativa e qualitativa.

Como já foi visto anteriormente no capítulo narrativo, a memória recria o passado e é a única forma de detê-lo. O passado não deve ser visto como um objeto morto, e sim, como uma experiência de vida concretizada. Vale esclarecer que o critério da escolha das entrevistadas ocorreu pela relação das entrevistadas e suas vivências pessoais com a proposta da pesquisa em curso, a qual consiste em entrevistar as moradoras do lar de idosos, valorizando suas trajetórias e experiências de vida. Desta forma, o primeiro tipo de pesquisa realizado neste estudo foi o bibliográfico, no qual os autores trouxeram mais conhecimento para a realização deste trabalho e foram sendo sucessivamente utilizados durante a execução da escrita.

De acordo com Gil (2010, p. 29), toda pesquisa acadêmica “[...] requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser classificado como pesquisa bibliográfica”. Para compreender melhor o segundo capítulo “Abordagens conceituais do estudo”, uma revisão bibliográfica sobre o assunto em estudo foi necessária. Esta revisão tem “[...] o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema” (GIL, 2010, p. 30).

O segundo tipo de pesquisa desenvolvida neste estudo foi a de campo. Para Marconi e Lakatos (2010), diversas áreas do conhecimento se beneficiam com pesquisas de campo, dentre as quais as autoras destacam a pedagogia, ciências políticas e sociais, sendo, por meio dela, que estas ciências buscam uma melhor compreensão de comportamentos e características da sociedade em geral.

Conforme Negrine (2010), a natureza qualitativa do estudo de campo se sustenta em três pilares: descrição, interpretação e análise, sendo que são à base do processo de pesquisa investigatória, para que posteriormente todo material coletado possa ser analisado, compreendido e contextualizado. O autor lembra que ao trabalhar com pesquisa qualitativa depara-se com valores, crenças e atitudes muitas vezes prescindidas pelo interlocutor, fatos relevantes podem ser omitidos, atitude que afeta a interpretação e compreensão do estudo.

Na seção seguinte o desenvolvimento da pesquisa de campo é detalhadamente explicado.

### 3.3 Geração de dados

Ao desenvolver as definições da pesquisa qualitativa e observando o problema de pesquisa, buscou-se uma instituição que acolhe idosos para desenvolver este estudo. Após conversa com a representante legal da instituição, foi entregue uma autorização para realização das entrevistas com seis moradoras do lar (APÊNDICE A), além da carta de apresentação e o Termo de Consentimento Livre Informado para Responsável da Instituição (APÊNDICE B).

É importante destacar que a instituição escolhida situa-se no município de Lajeado – RS. Um dos meios utilizados para a geração de dados neste estudo foi à entrevista semiestruturada (APÊNDICE C), conforme Gil (2010, p. 129) destaca que “[...] entrevista semiestruturadas, este tipo de entrevista pode ser útil em etapas mais avançadas da pesquisa com vistas à obtenção de dados referentes”.

Foi realizada uma entrevista com gravação do áudio e observada toda a parte legal e ética para a realização deste estudo, (ver no Apêndice A o termo de consentimento livre e esclarecido que foi assinado pelas participantes que quiserem contribuir com a pesquisa). Para Marconi e Lakatos (2010, p. 195), obter uma entrevista com o processo de geração de dados ocorre pela sua confiabilidade:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

As entrevistas ocorreram no mês de março do ano de 2018 e foram realizadas individualmente. Todas elas foram gravadas e transcritas ao longo do projeto de pesquisa. Ressalta-se que a identidade das entrevistadas foi preservada. Elas foram identificadas como, moradora A, moradora B, etc.

Ao realizar as entrevistas com as moradoras de um lar de idosos, procurou-se aprofundar mais a investigação, acrescentando outras formas não previstas para a geração de dados. Isso ocorreu porque foi possível notar que as moradoras entrevistadas não se sentiram muito à vontade durante a entrevista e pouco dissertaram sobre as perguntas feitas. Diante disso, foram realizadas duas

observações, do dia a dia destas moradoras e um grupo focal com as moradoras, com o objetivo de obter respostas através do diálogo entre interlocutores.

Segundo Gondim (2003), grupos focais representam uma técnica de pesquisa que gera dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. O grupo focal é um grupo pequeno no qual as pessoas estão reunidas com o objetivo de tratar ou debater um determinado tema. Para que essa técnica seja bem-sucedida deve haver uma pessoa que funcione como administradora do grupo, iniciando os assuntos, coordenando os diálogos e estimulando a participação dos componentes de forma igualitária (BAUER; GASKELL, 2005).

Foi realizado um encontro do grupo focal com as moradoras do lar de idosos, com duração aproximada de uma hora. O grupo era formado por quatro das seis entrevistadas ao longo do estudo. Por motivos particulares duas moradoras não puderam participar do encontro focal. Durante a conversa com as moradoras pode-se compreender como é para elas relembrares as suas vivências educacionais. Em muitos momentos, ao serem questionadas sobre suas famílias, muitas se emocionaram ao relatar sobre seus familiares e também sobre idas para as escolas.

A observação foi um momento marcante da pesquisa, pois permitiu esclarecer alguns pontos obscuros em relação ao grupo de moradoras: a maneira como se portam no espaço da prática, como lidam com as pessoas, as diferentes ferramentas que utilizam para aplicar as ações, e por esse motivo aconteceram dois momentos (dois dias) de observação. Negrine (2010) ressalta a importância da observação como um instrumento valioso para a pesquisa qualitativa. Para ele uma observação deve ser planejada para evitar a captura/registo de dados aleatórios e sem relevância ao estudo.

Ao longo das observações foram feitos alguns registros e, por isso, foi utilizado um diário de campo. Nele foram registradas impressões sobre as ações observadas. O diário de campo serviu como material de suporte para análise e interpretação de determinadas situações, além de facilitar a descrição das observações. Permitiu selecionar pautas de observação de acordo com os objetivos preestabelecidos da pesquisa (MINAYO, 2010; NEGRINE, 2010).

Segundo Minayo (2014, p. 100), em um diário de campo,

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais.

O diário de campo é uma boa forma de apoio ao estudo, pois nele é possível registrar, de forma imediata, todos os fatos e acontecimentos observados no local de pesquisa.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Para entender melhor as análises constituídas nesta pesquisa, foram elaborados dois subtítulos. Na parte inicial é apresentada a pesquisa analisando se as moradoras se percebem como sujeitos aprendizes por toda vida. Em uma segunda etapa são apresentadas as experiências educacionais narradas pelas senhoras, buscando assim responder ao terceiro objetivo específico deste estudo.

### **4.1 Educação como processo permanente?**

Ao longo das conversas com as moradoras do lar de idosos foi possível perceber que algumas lembranças vinham à tona a todo o momento, o espectro do passado rondando o presente, principalmente lembranças relacionadas a sentimentos como saudades de familiares, pais, irmãos e amigos; dos quais muitos já partiram.

Neste contexto, quando as moradoras do lar de idosos são indagadas sobre educação e aprendizagem, geralmente se remetem a sua infância, ao tempo de escola, forma como elas denominam o período que frequentaram a educação formal.

Ao longo das conversas deixaram claro o que aprenderam durante sua vida, sempre fazendo referência a quando eram crianças e pré-adolescentes, e enfatizando o aprendizado do período, valorizando assim a educação formal e informal no seio familiar, como pôde-se verificar nas respostas das entrevistadas.

Seguem fragmentos das entrevistas sobre a valorização da educação como um todo “*A minha mãe que me ensinou*”<sup>1</sup> (Moradora B), “*Eu aprendi o que eu sei ler e escrever*” (Moradora B), “*minha mãe sempre me ensinava regras de convivência*” (Moradora E) “*Se educa na escola*” (Moradora C).

Ao analisar as respostas das perguntas foi possível perceber com clareza que a maioria das entrevistadas, ao responder a primeira pergunta, “Na sua vida quem te ensinou ou ensina o que você sabe?” fazia referência à infância e valorizava a educação formal e informal, sendo todas as seis entrevistadas frequentaram espaços escolares formais por pelo menos quatro anos. Apenas uma frequentou a “escola” na adolescência. Pode-se verificar a seguir com o relato das moradoras de um lar de idosos.

*Eu fui à escola durante quatro anos, depois de concluir o primeiro ano de estudo meus pais queriam que não frequentasse mais a escola, pois precisavam que eu ajudasse na lida da lavoura. Meu professor natural de Taquari procurou meus pais para que me deixassem continuar estudando, pois era uma aluna que se destacava em sala de aula, desta forma terminei a quarta série, último ano oferecido pela escola (Moradora B).*

*A minha mãe que me ensinou, pois ela era a professora da escola, fui à escola durante quatro anos. Nós (irmãos) trabalhávamos na roça com meu pai, meu pai sempre dizia para minha mãe para ela ficar trabalhando na escola, - você sempre lecionou e gosta de lecionar, mas minha mãe não dava conta de tudo e acabou largando a escola para cuidar da casa e dos filhos (Moradora E).*

*Quase tudo o que aprendi foi mais por mim (conta própria), meu pai faleceu quando ainda era criança, e minha mãe na adolescência, eu não sabia ler e escrever, foi aí que procurei alguém para me ensinar (escola-formal) (Moradora F).*

No decorrer das entrevistas, quando questionadas sobre o que aprenderam no período que frequentaram a escola, as entrevistadas foram categóricas ao afirmar que o aprendizado se resumia a aprender a ler, a escrever e ao catecismo. Percebe-se nestas falas o poder doutrinador que a religião possuía na época e ainda possui. Na sequência, seguem trechos de relatos que confirmam o que foi explanado acima: “*não aprendia muito. Olha, eu já esqueci quase tudo, pois cada professor tinha seu jeito de ensinar, tinha matemática, português e catecismo*” (Moradora A). “*Eu aprendi o que eu sei: ler e escrever. Eu escrevia muito bem, hoje não escrevo muito bem. Mas sei os versos de músicas religiosas que aprendemos na escola*” (Moradora B).

---

<sup>1</sup> A configuração da grafia destacada em itálico será utilizada ao longo do texto para diferenciar o texto dos excertos de entrevistas.

O relato das moradoras do lar de idosos vai ao encontro da pesquisa de Priore (2013, p. 444) que em sua obra a História das Mulheres no Brasil, no capítulo Mulheres na sala de aula, aborda que “[...] ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos”.

Vale destacar que as moradoras do lar de idosos, quando perguntadas sobre se acham que as pessoas se educam somente na escola, remeteram à infância e à figura materna. Enfatizaram que a educação de um indivíduo não ocorre apenas nos espaços formais de ensino, e que é de fundamental importância a participação efetiva dos pais na educação das crianças (educação informal), como podemos verificar em seus relatos: *“Não, se os pais não ajudam a educar seu filho a escola não consegue educar sozinha”* (Moradora B). *“Não se educa apenas na escola, os pais ensinam (educam) muito”* (Moradora C). *“Eu me eduquei em casa, minha mãe sempre me ensinava regras de convivência”* (Moradora E). *“Minha mãe sempre me ensinou pelo bem”* (Moradora F). Novamente, o relato das moradoras vai ao encontro da pesquisa de Priore (2013) que aborda que:

[...] sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição de caráter, sendo suficientes, provavelmente, *doses pequenas* ou *doses menores* de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar a cabeça* da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o  *pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos [...]. (PRIORE, 2013, p. 446 - 447).

Quando indagadas sobre se continuam aprendendo alguma coisa no presente, as moradoras do lar de idosos responderam de forma muito distinta. Percebe-se que não está claro para elas o que é aprender; relacionando as respostas desta pergunta com as anteriores compreende-se que a educação para algumas das moradoras ocorre na infância até a adolescência e, desta forma, muito pouco se aprende na vida adulta. Para elas aprender é sinônimo de escola (educação formal). Algumas das respostas foram respondidas de forma desconexa com a pergunta em questão, como se pode verificar a seguir: *“O que eu faço aqui é*

*dobrar roupa e ajudar a descascar batata. Eu adoro ajudar na cozinha*". (Moradora A), *"Se educa na escola e com os pais"* (Moradora C). Percebe-se nas falas de algumas das moradoras que mesmo desenvolvendo atividades e sendo aprendizes no ambiente em que vivem, não veem a educação enquanto processo permanente.

Uma moradora destaca que no período de sua adolescência teve que aprender a trabalhar e para ela isto não caracterizava aprendizado. Conforme argumenta *"não [é aprendizado], porque tinha que aprender a trabalhar"*, mas ao mesmo tempo se vê como aprendiz no presente *"aqui a gente aprende um pouco"* (Moradora F), referindo-se ao ambiente onde vive.

Outra moradora destaca que lê muitos livros no lar de idosos e inclusive alguns já leu mais de uma vez, além de fazer artesanato. Ela destaca que aprende muito com a leitura: *"Eu estou aprendendo muito nestes livros que estão aqui na Instituição que a Univates trouxe para nós, eu já li duas vezes o mesmo livro e quero ler ele de novo [risos]"* (Moradora B). Vale lembrar que esta moradora se vê como aprendiz em espaços não formais de ensino, que neste caso é um lar de idosos.

Chama a atenção a narração de uma moradora quando questionada se continua a aprender. Ela não se vê como aprendiz e não faz questão de aprender devido à idade avançada e ao fato de estar se encaminhando para o fim da vida conforme relata: *"Não, acho que agora estou me encaminhando para o céu"* (Moradora D). A menção que ela faz pode ser interpretada da seguinte maneira, o que tinha que aprender já havia aprendido e que nesta idade, segundo ela, não havia mais necessidade de aprender. Fica evidente a valorização da educação formal para a Moradora E, quando esta destaca em sua resposta que o aprendizado que teve foi na escola *"Eu aprendi na escola a ler e escrever"*.

No que compete ao que estas moradoras compreendem por educação, muitas novamente remeteram à infância, lembrando a educação formal em instituições escolares, educação informal no seio familiar e educação não formal, principalmente em espaços religiosos (igrejas). Conforme a Moradora B, *"a educação dos filhos é dever dos pais, são eles que precisam educar os filhos [...] e na escola se aprende ler e escrever e outras coisas"*. Outra moradora segue a

mesma linha de raciocínio, valorizando espaços familiares “*a casa é a mãe da educação desde cedo*” (Moradora E).

Já para a Moradora C, educação é algo muito mais amplo que apenas a educação formal e informal, participar da vida comunitária faz parte da educação como ela relata em seu depoimento “*É de tudo, [inclusive] ir à igreja e participar da comunidade*”. A valorização da religiosidade se manifesta também no relato de outra moradora, que argumenta que educação é também “*fazer o bem e rezar*” (Moradora D).

Para outra moradora, a educação estaria relacionada a padrões éticos e morais, aspectos fundamentais para se viva de forma harmoniosa em sociedade, conforme argumenta em seu relato: (Moradora F) educação significa “*Realizar coisas boas. Não fazer mal, sempre o bem para as pessoas, não roubar, dialogar [mediação de conflitos] e ser honesto*”.

Ao analisar as respostas das perguntas realizadas às moradoras, elas deixaram claro o que para elas é educação formal, qual seu objetivo e a importância que esta vida escolar teve em suas vidas. De outro lado, destacaram com ênfase a importância da educação informal no seio familiar, responsável pela formação ética e moral de um indivíduo, preparando-o para a fase adulta.

A sociedade impõe algumas regras “informais”, dentre as quais o dever ser bem sucedidos e que a felicidade depende deste sucesso. Segundo Oliveira et al. (2004), falar em qualidade de vida é algo muito subjetivo, pois o ser humano passa por diferentes etapas da vida até ser idoso, antes de avaliar o que seria qualidade de vida é necessário levar em conta condições sociais, econômicas, ambientais, aspectos culturais e, acima de tudo, políticas públicas que atendam de forma efetiva os diferentes grupos que formam uma sociedade.

A qualidade de vida do ser humano possui diversas maneiras singulares de avaliação, sendo estritamente subjetiva e influenciada por fatores determinantes, como a etnia, cultura e meio social ao qual estão inseridos ou ao qual faziam parte. Para os idosos institucionalizados a qualidade de vida pode ser vivida através de uma assistência de qualidade e participação de atividades individuais e grupais que ofereçam distração e bem estar naquele ambiente (OLIVEIRA et al., 2016, p. 91).

O poema escrito pelo escritor Carlos Drummond de Andrade, reinauguração, lembra de que a toda hora o ser humano se reinventa, não importando a idade, sempre exacerba alegria e beleza.

Reinauguração

Nossa idade – velho ou moço – pouco importa.

Importa é nos sentirmos vivos e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos e do profundo instinto de subsistir enquanto as coisas em redor se derretem e somem como nuvens errantes no universo estável.

Prosseguimos.

Reinauguramos.

Abrimos olhos gulosos a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos.

Esta é a magia do tempo.

Esta é a colheita particular que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante, no acreditar na vida e na doação de vivê-la em perpétua procura e perpétua criação.

E já não somos apenas finitos e sós (ANDRADE, 1996, p. 33).

No próximo subtítulo se dissertará como as moradoras do lar se veem aprendentes a partir de jogos recreativos que ocorrem diariamente no lar, e da mesma forma como o grupo de mulheres mesmo participando acredita que esta atividade não mais lhes proporciona aprendizado.

#### **4.2 Quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras?**

Ao longo das conversas com as moradoras do lar de idosos, elas deixaram muito claro a falta que sentem de seus entes queridos; apesar de muitas possuírem familiares próximos, estes não lhes dão a devida atenção. Vale lembrar que devido à idade avançada da maioria das moradoras, muitos de seus familiares – pais, irmãos e amigos – já partiram, mesmo assim elas sentem muitas saudades destas pessoas com as quais compartilharam muitos momentos ao longo de suas vidas.

Em uma conversa formal com a Diretora da Instituição, ela logo destacou a importância da educação: *“Educação é a mola mestre da evolução humana. Ler muito para compreender a razão de estar vivo. Educação é tudo o que move os cinco sentidos da vida humana”*. Com estas palavras ela resume a importância da educação na formação ética e moral do ser humano.

A Diretora da Instituição do lar de idosos foi enfática na fala sobre sua visão de família, argumentando que ela [a família] é a instituição máxima dentro de uma sociedade e desta forma deve ser respeitada: *“minha vida sempre teve sua base ligada à família. Respeito, limites e humildade foram os três pilares que nortearam a educação dos meus filhos”*.

Durante as várias visitas ao lar de idosos, foram inúmeras conversas com a Diretora. Em algumas destas conversas ela relembrou aspectos importantes de sua infância, pois as palavras dela traduziram o que várias moradoras do lar de idosos relataram sobre sua infância: *“tudo era precário, não tínhamos bonecas, bola, muitas vezes brincávamos no ar livre em busca de sucatas. Existia muita escassez, mas sempre dávamos um jeito de criança”* (Diretora da Instituição). Nos relatos, as moradoras destacam que não possuíam brinquedos quando crianças, mas apesar de todas as dificuldades eram muito criativas, improvisando brinquedos e brincadeiras. *“brincávamos com sabugo de milho e fazíamos bonecas com eles”* (Moradora A).

Segundo Bulhões e Collela (2015), as brincadeiras/recreação são muito importantes para os idosos, tanto os que vivem em lares de idosos, quanto os que vivem em seus lares. Desta forma os idosos desenvolvem habilidades como atenção, concentração, estímulo visual e auditivo e melhor coordenação motora. Destaca-se que para as moradoras do lar de idosos os jogos recreativos são fundamentais para o desenvolvimento e estímulo da coordenação motora, atenção e memorização; mas mesmo que estejam aprendendo com a recreação, muitas não se veem como aprendizes.

Os recursos utilizados foram brincadeiras, músicas e jogos para trabalhar a sua percepção, a atenção/concentração, a estimulação visual e auditiva, coordenação motora, bem como outros aspectos necessários para as aprendizagens (BULHÕES; COLLELA, 2015, p. 3).

No diário de campo, no dia 20 de março de 2018, quando foi realizado o grupo focal, as moradoras do lar relataram que estavam esperando a senhora Camila,<sup>2</sup> para jogar loto<sup>3</sup>. Foi questionado às moradoras se elas gostam de jogar

---

<sup>2</sup> Camila (nome fictício) é uma voluntária que vem uma vez por semana para realizar atividades recreativas.

loto, e imediatamente a resposta rápida foi “*sim*” (Moradora B), “*aprendemos muito com este jogo, para não esquecer os números*” (Moradora A). No relato das moradoras pode-se perceber que elas estão sim aprendendo, mesmo sendo um jogo de números e recreativo. Uma das moradoras do lar questionou à pesquisadora: “*Você quer jogar com a gente? Ficaríamos muito felizes, se você participar.*” (Moradora E), “*Se você não sabe a gente te ensina*” (Moradora A), “*Claro que irei jogar com vocês, eu gosto de jogar loto. Já joguei com minha família*” (relato da autora), “*Mas olha você ganhou de nós, você é muito esperta*” (Moradora E), “*Você pode vim mais vezes, a sua companhia nós faz ser muito feliz, você é jovem o seu jeito de encantar a cada uma de nós*” (Moradora A), relato com choro. Primeiramente, a pesquisadora agradeceu as palavras das moradoras, e deram continuidade ao jogo. Logo após, a pesquisadora despediu-se com abraços bem apertados e relatou que voltaria com uma surpresa para elas, no final do trabalho de curso.

Ao falar de educação é comum deparar-se com algumas perguntas, dentre as quais destaca-se: “Em que espaços a educação de um indivíduo acontece?” Como é conhecida, a educação ocorre em espaços formais, não formais e informais, sendo que todas tem igual importância frente à formação intelectual de um indivíduo. Esta diferenciação sobre a educação ocorre por vários critérios, sendo o primeiro em função do local, o espaço social onde ocorre, o que confere características próprias a cada uma.

Como foi abordado no capítulo 2.1, Educação na perspectiva histórica: a compreensão da educação formal, informal e não formal, percebe-se que o espaço onde se encontram as idosas é um espaço não-formal de ensino. No decorrer das entrevistas poucas deixaram claro que no local ainda se veem aprendizes, apesar de não ser um espaço formal de ensino, conforme relato das próprias moradoras “*Eu estou aprendendo muito nestes livros*” (Moradora B) “*aqui a gente aprende um pouco*” (Moradora F).

---

<sup>3</sup> Loto é um jogo de cartelas com números pares e ímpares. Uma pessoa retira o número do saco e diz em voz alta o número que foi sorteado. Quando a pessoa tem o número coloca um feijão para identificar.

Salienta-se que apesar de algumas moradoras se verem aprendizes em espaços não formais de ensino, o grupo não é unânime nesta percepção. Mas ao mesmo tempo, todas veem e valorizam o que diz respeito à educação informal e sua importância na formação ética e moral do indivíduo. Da mesma forma elas têm a percepção da importância da educação formal no que diz respeito à obtenção de conhecimento nas diferentes áreas do conhecimento.

O último subcapítulo desta monografia traz as considerações finais desta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dias eu aprendia mais alguma coisa sobre o seu planeta. Foi assim que vim a conhecer, no terceiro dia, o drama dos baobás. (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 21).

A citação anterior do Pequeno Príncipe me faz refletir muitas vezes sobre o que aprendemos a cada dia de nossa vida, da mesma forma somos seres aprendentes por toda uma vida e será que nos descobrimos ao longo de nossa vivência? Para dar início a este trabalho de Conclusão de Curso sobre essa temática, muitas ideias foram surgindo, tudo parecia tão difícil, principalmente por se tratar de um tema com pouco referencial teórico e pelo pouco tempo disponível para a realização da referida pesquisa.

Para auxiliar e responder o problema de pesquisa, decompondo a questão central, compus alguns objetivos específicos que aprofundaram os processos a serem analisados: a) Conceituar os termos experiência, educação e narrativas, b) Verificar se as idosas se percebem como sujeitos aprendizes por toda vida, c) Identificar quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras.

A monografia teve por finalidade buscar compreender o que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida e como se procedeu a realização da pesquisa juntamente com as moradoras. Durante a parte inicial da monografia me deparei com algumas inquietações (tema, problema, objetivos e justificativa). No andamento da pesquisa surgiram muitas dúvidas relacionadas ao tema em questão, mas com o auxílio da orientadora Danise Vivian foram sendo superadas uma a uma. Conforme o projeto

andava foram surgindo novos desafios, deparei-me com questões delicadas, como analisar as respostas das entrevistas e relacioná-las com a teoria estudada.

Para o primeiro objetivo do projeto “Conceituar os termos experiência, educação e narrativas” a leitura sugerida foi Gohn (2001; 2006; 2010), que em seus estudos sempre esteve envolvida com o estudo dos movimentos sociais e por isso é uma entusiasta do meio não formal de educação, que no caso é o objeto de estudo desta monografia. Mas antes é preciso lembrar os diferentes tipos de educação: formal, não formal e informal. Estas existem primeiramente em função do local, do espaço social onde ocorrem, o que confere as características próprias de cada um desses três tipos.

A educação formal ocorre dentro de um sistema de ensino, com espaço, horário, planos de aula, entre outros pontos. Já a educação informal é caracterizada por não ser intencional ou organizada, exercida a partir das vivências espontâneas. Está adquirida no seio familiar e no meio social. Está no espaço doméstico, em praças, museus e em todos os lugares onde as pessoas possam compartilhar saberes. Já a educação não formal foi se concretizando a partir de ações educativas alternativas, que no começo não se enquadravam no que se acreditava ser educação escolarizada, presa nos limites físicos da escola.

Com relação ao segundo objetivo específico do trabalho, “Verificar se os idosos se percebem como sujeitos aprendizes por toda a vida”, podemos perceber que as experiências nomeiam o que nós somos, o que pensamos, o que vemos e o que sentimos na nossa trajetória de vida. A experiência está presente nas nossas vidas, relatamos muitas vezes o passado e projetamos o futuro, mas as expressamos de várias maneiras, tanto no diálogo quanto nas expressões dos sentimentos de convívio. Poucas moradoras se veem aprendentes, não aprendemos só no espaço escolar, mas também aprendemos em outros espaços. Quanto ao que as moradoras compreendem por educação, muitas novamente remeteram à infância, lembrando a educação formal em instituições escolares, educação informal no seio familiar e educação não formal principalmente em espaços religiosos (igrejas).

Para o terceiro objetivo específico a ser analisado, com o propósito de “identificar quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras”,

busquei através destas entrevistas recordar e resgatar da memória destas mulheres suas vivências educacionais ao longo de suas vidas, em espaços informais, não formais e formais de ensino, e a partir destas respostas analisar a construção educacional destas senhoras até o presente. Podemos verificar que as moradoras estão sempre aprendendo dentro da Instituição mesmo sendo nos jogos de recreação, como um dos exemplos, o loto, que uma das moradoras me questionou se eu saberia jogar, senão ela me ensinaria. Muitas vezes as moradoras não percebem que estão aprendendo de forma diferente.

Através deste resgate, é possível refletir que as histórias de vida vão constituindo-se como experiências, pois há uma relação íntima e direta entre o vivido, no pretérito, e o narrado, no presente. Saliento, como no subtítulo anterior “Quais são as experiências educacionais narradas pelas moradoras?” que, quando estava sendo realizado o grupo focal, se aproximaram as demais moradoras da casa e, algumas, mostram-se muito interessadas em participar. Permiti esta aproximação, todavia não utilizei as respostas destas demais moradoras na minha pesquisa, pois destas não tinha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. Durante a conversa, se aproximou a Camila, uma voluntária que vem a cada 15 dias realizar jogos de recreação com as moradoras. Pelos relatos das moradoras elas esperam ansiosas para que venha logo este dia, pois é quando elas jogam loto. Pude perceber que durante a realização do jogo loto, as moradoras estavam apreendendo mesmo sem se dar conta, por que elas ressaltavam coisas como: *“aprendemos muito com este jogo, para não esquecer os números” (Moradora A)*.

Já na parte final deste estudo, busquei analisar e compreender o presente destas senhoras através de suas falas, com o objetivo de poder analisar se estas se veem aprendizes no local que habitam, sendo que no local são oferecidas atividades de recreação, leituras, artesanato e visitas externas com o propósito de manter convívio social.

Ao longo dos diálogos com as senhoras e ouvindo relatos de suas vivências e experiências de vida, muitos obstáculos superados ao longo de sua trajetória, refletindo, posso resumir que a vida se faz de histórias, história, sinônimo de experiência. Como um antigo provérbio popular nos faz refletir “cada ancião que morre é uma biblioteca que se perde”.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Revista do Programa de Estudos-Pós-Graduados em História e do Departamento de História/PUC/SP**, São Paulo, n. 15, p. 125-136, 1997. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/site/wp-content/uploads/2015/03/AMADO-O-grande-mentiroso.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

ANDRADE, Carlos Drumond. **Farewel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em Movimento: O Que Temos a Aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BRANDÃO, Carlos da F. **Estrutura e funcionamento do ensino**. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que e educação**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Lei nº 10741, de 01 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

BÚFALO, K.S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção da saúde mental do idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, v.16, n. 3, p. 195-212, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18533/13720>> acessado 20 de setembro de 2017.

BULHÕES, Jéssica Lúcia da Silva; COLELLA, Tânia Lúcia Amorim. A utilização de jogos educativos direcionados para o senescente: Uma abordagem psicopedagógica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 4, 24 a 26 set. 2015, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: CIEH, 2015. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO\\_EV040\\_MD4\\_SA3\\_ID542\\_08092015100204.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD4_SA3_ID542_08092015100204.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da G. **Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativo do terceiro setor**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Marineide P; SILVA, Yanatasha F. F. da; SILVA, André F. da. **Educação não-formal: Diálogos com a educação popular em freire – O caso do grupo de leigos católicos igreja nova**. [S.l.]: UFPE, 2012. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2012.1/educacao%20no-formal%20-%20dilogos%20com%20a%20educacao%20popular%20em%20fre.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/educacao%20no-formal%20-%20dilogos%20com%20a%20educacao%20popular%20em%20fre.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

GONDIM, Sônia M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paideia**, Ribeirão Preto (MG), v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GOERGEN, Pedro. **EDUCAÇÃO E VALORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO** 983Educ. Soc. , Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005 < Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 30 jun.2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 2 set. 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCONI, Marina. D. A.; LAKATOS, Eva. M. **Técnicas de pesquisa**: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto S. (Org). **A pesquisa qualitativa a educação física**: Alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-93.

OLIVEIRA, Katiucia S. et al. As percepções de idosos frente à assistência prestada em uma instituição de longa permanência. **Revista Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 13, n. 3, p. 86-95, 2016. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/1159>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

OLIVEIRA, Katiucia S. et al. A busca da socialização de idosos por meio de atividades de recreação e lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2, 12 a 15 set. 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. 7p. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude1.pdf>>. Acessado em: 20 mai. 2018.

PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

RIBEIRO, Paulo R. M. História da educação escolar no Brasil: Notas para uma reflexão. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/03.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir,

SOUZA, Cléia R. T. de. A educação não-formal e a escola aberta. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: "FORMAÇÃO DE PROFESSORES", 8, 06 a 09 out. 2008, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2008. 11p. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/444\\_356.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/444_356.pdf)>. Acesso em: 20 de Outubro. 2017.

STIGAR, Robson; SCHUCK, Neivor. **Refletindo sobre a história da educação no Brasil**. 2008. 7f. Artigo (Mestrado em Ciências da Religião) – Grupo Educacional Opet, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/site/pdf/artigos/EDUCACAO-refletindo-sobre-a-historia-da-educacao-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lolio Lourenço de. **A voz do passado: História oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.

TRILLA, Jaume. **A pedagogia da felicidade: Superando a escola entediante**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não-formal: Pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,....., portador do CPF,....., aceito, pelo presente Termo, participar de entrevista para o trabalho “O que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida” acadêmica/estudante do Curso de graduação em Pedagogia da Universidade dos Vale do Taquari, de Lajeado/RS, Daiane Machado de Souza, orientada pela professora Dra. Danise Vivian.

#### **Pelo presente Termo fico ciente que:**

1. A atividade/o trabalho tem por objetivo compreender como as senhoras moradora de um lar de idosos narram a sua experiência educacional na sua trajetória de vida.
2. A coleta de informações será feita mediante entrevista semiestruturada, a entrevista será anotada/gravada pela acadêmica;
3. Posso pedir esclarecimentos sobre quaisquer aspectos da atividade antes e durante o seu desenvolvimento;
4. Posso abandonar a entrevista antes e durante o seu curso, sem quaisquer prejuízos para mim;
5. É-me garantido o sigilo quanto à origem das informações, não podendo ser revelada a minha identidade;
6. As informações coletadas serão interpretadas e gerarão uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Daiane Machado de Souza, cujo resultado será

apresentado, a princípio, no mês de Julho /2018, garantindo-se o sigilo da fonte das informações;

7. Caso a atividade/trabalho, após sua apresentação/defesa em aula/evento, seja enviado para a Biblioteca da UNIVATES, este Termo não a acompanhará. Ficará como Anexo da atividade uma cópia em branco deste Termo;

8. Frente a qualquer dúvida, a professora orientadora: Dra. Danise Vivian poderá ser contatada pelo e-mail [dvivian@univates.br](mailto:dvivian@univates.br) e a acadêmica: Daiane Machado de Souza à disposição pelo telefone (51) 99374-5792, ou pelo e-mail [daianemachadodesouza@yahoo.com.br](mailto:daianemachadodesouza@yahoo.com.br).

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de Conclusão de Curso e outra do entrevistado.

Lajeado/RS, ..... de .....de 2017.

.....

Acadêmica: Daiane Machado de Souza

CPF: 019620030-00

.....

Entrevistado:.....

CPF.....

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Informado para Responsável da  
Instituição**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE INFORMADO PARA RESPONSÁVEL DA  
INSTITUIÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, cuja atividade/função exercida é \_\_\_\_\_, no Município de \_\_\_\_\_/RS, aceito pelo presente termo que o trabalho de curso intitulado de **O que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida?** na Universidade do Vale do Taquari, seja realizado na Instituição \_\_\_\_\_. O objetivo deste estudo é compreender como as moradoras de um lar de idosos narram a sua experiência educacional na sua trajetória de vida. Que será desenvolvida pela aluna Daiane Machado de Souza, e orientada pela professora Dra. Danise Vivian. Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações e gravações de voz, e a escrita a fim de contribuir no campo educacional. As informações obtidas nesta pesquisa terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal, e identidades, assegurando o sigilo das informações adquiridas.

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de aula e outra do entrevistado.

Lajeado/RS, ..... de ..... de 2017.

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Acadêmica: Daiane Machado de Souza

CPF: 019620030-00

\_\_\_\_\_  
Dra. Danise Vivian

CPF: 994505000-10

## **APÊNDICE C – Questionário para as moradoras de um lar de idosos**

### **QUESTIONÁRIO PARA AS MORADORAS DE UM LAR DE IDOSOS**

O presente questionário foi desenvolvido pela aluna Daiane Machado de Souza, através do Trabalho de Conclusão de Curso I, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari– Lajeado/RS. Orientada pela professora Dra. Danise Vivian. Esse trabalho tem como objetivo o que narram as moradoras de um lar de idosos sobre a sua experiência educacional em sua trajetória de vida. A pesquisa contribuirá no campo educacional. As informações obtidas nesta pesquisa terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal, e identidades, assegurando o sigilo das informações adquiridas.

- 1) Na sua vida quem te ensinou ou ensina o que você sabe?
- 2) Na sua infância você foi à escola? Você poderia me contar o que aprendia por lá?
- 3) Você acha que as pessoas se educam somente na escola? Por quê?
- 4) Você continua aprendendo algumas coisas? O que?
- 5) O que é educação para você?



**UNIVATES**

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil  
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000  
[www.univates.br](http://www.univates.br) | 0800 7 07 08 09